



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JOSILMA IRLÂNE SOUSA DUARTE

**A ESCOLA E A FORMAÇÃO DOCENTE: TESSITURAS DE UMA FORMAÇÃO
CONTINUADA**

CAMPINA GRANDE – PB
NOVEMBRO DE 2011

JOSILMA IRLÂNE SOUSA DUARTE

**A ESCOLA E A FORMAÇÃO DOCENTE: TESSITURAS DE UMA FORMAÇÃO
CONTINUADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Ms. Edilazir Lopes da Cunha.

Orientador: Ms. Edilazir Lopes da Cunha

CAMPINA GRANDE – PB

NOVEMBRO DE 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

D812e

Duarte, Josilma Irlâne Sousa.

A escola e a formação docente [manuscrito]: tessituras de uma formação continuada. / Josilma Irlâne Sousa Duarte .– 2011.

40f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Ma. Edilazir Lopes da Cunha, Departamento de Educação”.

1. Docente. 2. Formação continuada. 3. Escola. I. Título.

21. CDD 378.007

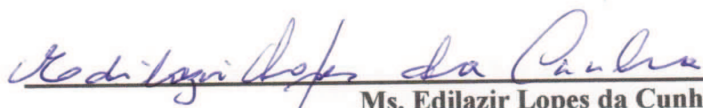
JOSILMA IRLÂNE SOUSA DUARTE

**A ESCOLA E A FORMAÇÃO DOCENTE: TESSITURAS DE UMA
FORMAÇÃO CONTINUADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Ms. Edilazir Lopes da Cunha.

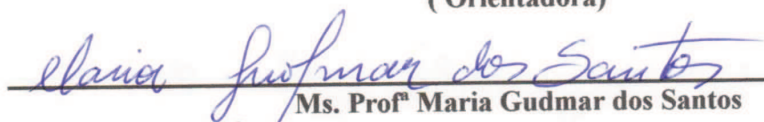
APROVAÇÃO PELA BANCA EXAMINADORA EM 29 DE NOVEMBRO
DE 2011

BANCA EXAMINADORA

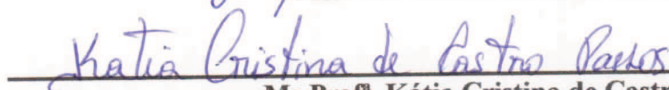


Ms. Edilazir Lopes da Cunha

(Orientadora)



Ms. Profª Maria Gudmar dos Santos



Ms. Profª Kátia Cristina de Castro Passos

CAMPINA GRANDE – PB

NOVEMBRO DE 2011

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, agradecendo-o por todas as graças alcançadas em minha vida. Também a minha mãe, a quem minha dívida é eterna.

AGRADECIMENTOS

A **DEUS**, que está sempre comigo, vivenciando cada momento de minha construção, iluminando minha caminhada, alimentando minha alma;

A Irene minha mãe e amiga, por acreditar na concretização desse sonho pessoal e por encorajar-me nos momentos em que a fragilidade sobrepujava à fortaleza;

A minha família, da qual me privei de minha companhia para que pudesse desenvolver este trabalho por estarem me apoiando e ajudando nos momentos de dificuldades e alegria, muito obrigada;

A minha Orientadora Edilazir Lopes da Cunha, pela compreensão, disponibilidade e orientação desse trabalho, especialmente em seus momentos finais;

Enfim, a todos aqueles que estiverem comigo ao longo dessa caminhada e que com palavras de carinho e incentivo me ajudaram a seguir em frente.

Obrigada de coração!

O mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa de seres humanos. É tarefa, por excelência, de educadores.

(Terezinha Rios)

RESUMO

A aprendizagem é um processo que inicia ao nascer e ocorre durante toda a vida. O presente trabalho tem como objetivo abordar questões de como estão sendo trabalhadas e compreendidas a formação continuada dos Docentes e como a mesma tem de alguma forma contribuído para a constituição das identidades destes/as profissionais. A metodologia da pesquisa é de caráter qualitativa e teve início com uma revisão bibliográfica na intenção de fazer um levantamento histórico e teórico que nos facilitasse a análise e compreensão do tema abordado. Assim a abordagem metodológica segue uma proposta com um paradigma de cunho científico e teórico de Zotti (2004), Freire (2006), Gadotti (1991), Libâneo (2001), Rios (2001), entre outros/outras autores/as. E como resultado: Percebemos que existe uma necessidade urgente de mudança no que diz respeito a Formação continuada de Docentes. A formação continuada de professores é, provavelmente a área mais sensível das mudanças em curso no setor educativo. Percebemos quão árdua é a luta do educador comprometido e responsável com a sua profissão, não é nada fácil planejar, lidar com pessoas de diferentes personalidades e, na hora do aperto, saber contornar a situação. O/a professor/a é o/a agente principal que intervêm na formação dos seus alunos e que é preciso que essa tarefa seja feita com excelência, a fim de conduzir o mesmo a uma realidade transformadora, crítica e autônoma. Esperamos com essa pesquisa possa contribuir para os estudos que estão sendo desenvolvidos nesta área para um melhor desempenho do profissional da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Escola- Docente- Formação continuada.

ABSTRACT

Learning is a process that begins at birth and occurs throughout the life. Objective: The aim of the present work deals with issues of how they are being worked and included the continued training of teachers and as it has in some way contributed to the creation of the identities of these/those professionals. The research methodology and qualitative character and began with a review of the literature on the intention to make a survey historical and theoretical that facilitate the analysis and understanding of the topic. Thus the methodological approach follows a proposal with a paradigm of scientific and theoretical Zotti (2004), Freire (2006), Gadotti (1991), Libãçneo (2001), Rivers (2001), among other/other authors/como. Results: We noticed that there is an urgent need to change with regard to Teacher Education. The training of teachers, and probably the most sensitive area of ongoing changes in education sector. Discussion: We noticed how arduous and the struggle of the educator committed and responsible with their profession, it is not an easy plan, dealing with people of different personalities and, at the time of trouble, knowing how to circumvent the situation. The teacher and the principal agent involved in the training of its students and it is necessary that this task is done with excellence, in order to lead the same to a reality transforming, critical and independent. Final Considerations: we hope with this research contribute to the studies that are being developed in this area and for a better performance of the professional education.

KEYWORDS: School. Teacher. Training Continued.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1- A ORIGEM DA ESCOLA AQUI NO BRASIL.....	12
2- RELAÇÃO ENTRE ESCOLA, COMUNIDADE, DOCENTE E ALUNO.....	14
2.1- Educação e cidadania.....	14
2.2- A escola e a comunidade.....	16
2.3- O papel do docente na aprendizagem do aluno.....	18
3- FORMAÇÃO CONTINUADA.....	21
3.1- A identidade do/da docente.....	21
3.2- Políticas públicas para a formação docente.....	23
3.3- Teoria <i>versus</i> prática na formação docente.....	26
3.4- Formação continuada e IDEB.....	30
4-- METODOLOGIA.....	33
4.1- Os procedimentos utilizados.....	33
5- RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA.....	34
5.1- A escola campo da prática.....	34
5.2- Resultado da pesquisa.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda questões de como estão sendo trabalhadas e compreendidas a formação continuada dos Docentes e como a mesma tem de alguma forma contribuída para a constituição das identidades destes/as profissionais.

A aprendizagem é um processo que se inicia ao nascer e ocorre durante toda a vida. Há as aprendizagens informais e as formais. As informais são aquelas que chamamos de experiência de vida, geralmente essas são as que mais nos ensinam. Já as formais são aquelas que ocorrem de forma intencional, sistematizada e planejada, geralmente acontecem nas escolas.

Buscou-se através da bibliografia pesquisada, perceber quais são os verdadeiros objetivos destas formações e até que ponto elas modificam e/ou condicionam a prática, tendo para isso como premissa a identidade docente.

A elaboração do perfil do professor necessário para atuar no cenário atual traz à tona a discussão sobre a formação continuada, uma vez que ela vem adquirindo centralidade nos debates educacionais, pois passou a ser vista como uma possibilidade de atualização constante do professor em face da dinamicidade do processo de construção do conhecimento e do avanço acelerado da ciência e da tecnologia e conseqüentemente se propõe a melhorar a qualidade de ensino. O processo de formação docente deve fornecer elementos teórico-metodológicos que permitam, também, ao professor desenvolver seu trabalho pedagógico, primando por uma qualidade concreta levando os alunos a construírem saberes de forma significativa, atuando como sujeitos do seu processo de aprendizagem. Para desenvolver um bom trabalho os professores devem não somente ser profissionais qualificados, mas também beneficiar-se de apoio suficiente, que assegure uma formação docente correspondente às necessidades dos alunos no que diz respeito aos conhecimentos que os professores devem compartilhar em sala de aula.

A metodologia da pesquisa é de caráter qualitativa e teve início com uma revisão bibliográfica na intenção de fazer um levantamento histórico e teórico que nos facilitasse a análise e compreensão do tema abordado. Logo em seguida fomos para campo a fim de aplicarmos algumas entrevistas; instrumento que subsidiou o trabalho, com os professores da escola. Assim a abordagem metodológica, estabelecendo uma relação entre formação docente e contexto social escolar, segue uma proposta com um paradigma de cunho científico e

teórico de Zotti (2004), Freire (2006), Gadotti (1991), Libâneo (2001), Rios (2001), entre outros/outras autores/as.

O primeiro capítulo faz uma trajetória histórica da origem da escola institucionalizada aqui no Brasil, desde os jesuítas até os dias atuais. O segundo capítulo enfoca a importância da relação entre a escola, a comunidade e o/a docente para um melhor desenvolvimento do aprendizado do/da aluno/aluna. O terceiro capítulo discute a importância da formação continuada para uma melhor prática e atuação do/da docente em sala de aula. O quarto capítulo aborda os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. E o quinto nos traz os dados e resultados da pesquisa.

Por fim nas considerações finais, apresentamos então com essa pesquisa contribuir para os estudos que estão sendo desenvolvidos nesta área e para um melhor desempenho do profissional da educação.

1- A ORIGEM DA ESCOLA NO BRASIL

Os primeiros habitantes do Brasil viviam um modo de vida primitivo, caracterizado pela coletividade. Era lidando com a terra e com a natureza que os indígenas educavam-se e, conseqüentemente, educavam as gerações futuras. Não havia instituição escolar, a educação acontecia por meio das atividades próprias do cotidiano. Mas essa realidade foi modificada com a chegada dos europeus, principalmente os portugueses. Estes, com o objetivo de colonizar a nova extensão de terra, institucionalizaram a educação em meados do século XVI e através dos Jesuítas criaram escolas para impor os valores, os costumes e a religião européia, devastando a cultura dos índios. Foi nesse sentido que surgiu a escola aqui no Brasil, para difundir a ideologia dominante do homem branco. Assim, Zotti (2004, p.16), afirma: “A educação jesuítica teve como objetivo primeiro a catequese, mas esse foi logo substituído por uma educação restrita aos filhos homens da elite, que depois concluíam os estudos na Europa”.

É foi com esse tipo de ensino que a escola dividiu a educação para ricos e para pobres a chegada da educação dualista. Em 1891 iniciaram as reivindicações e pressões de vários intelectuais da época, a exemplo de Anísio Teixeira, um dos pioneiros da educação, para que a escola brasileira se tornasse pública, gratuita, obrigatória e universal.

A luta foi árdua para concretizar essas reivindicações e hoje, apesar de muitas falhas, é inegável a conquista obtida de uma escola para todos.

Pesquisadores das mais diversas áreas têm buscado explicar e discutir o que é a instituição escolar. Dentro desta perspectiva, surgem respostas, análises e críticas de vários estudiosos. De acordo com os PCN's:

A instituição escolar é o lugar onde se deve assumir e valorizar a cultura de sua própria comunidade, buscando transpassar os limites para que as crianças dos mais diferentes grupos sociais tenham acesso ao saber e conhecimentos de âmbito regional, nacional e universal (INTRODUÇÃO 1997, p. 46).

É o que tem se tentado fazer, embora muitas vezes sem êxito, mas com o reconhecimento de que muitos profissionais da área educacional têm lutado para que essa proposta seja realizada.

Isso porque a escola não pode fazer tudo sozinha, ela precisa do apoio da sociedade, embora seja nela que está a maior intencionalidade na formação do aluno ou aluna. Assim:

Formar o cidadão não é tarefa apenas da escola. No entanto, como local privilegiado de trabalho com o conhecimento, a escola tem grande responsabilidade nessa formação: recebe crianças e jovens por um certo número de horas, todos os dias, durante anos de suas vidas, possibilitando-lhes construir saberes indispensáveis para sua inserção social (SILVA 1994, p. 12).

Seja como for, a escola tem uma parcela significativa de responsabilidade na formação do indivíduo, cabendo a ela grande parte no sucesso ou fracasso escolar. A seguir passamos a fazer a relação entre a escola e a comunidade e a grande importância dessas duas instituições em caráter de reunião para um melhor desenvolvimento dos/das alunos/alunas.

2- RELAÇÃO ENTRE ESCOLA, COMUNIDADE, DOCENTE E ALUNO

2.1- Educação e cidadania

Cidadania é um processo de luta, conquistas e perdas, é o exercício dos direitos e deveres.

Uma política democrática e cidadã de educação é umas das reivindicações mais antigas dos educadores. Por isso, é preciso “educar” e nos fazer “cidadãos e cidadãs”, capazes de exercer nosso papel na sociedade.

E qual é o papel que a escola exerce na formação de nós cidadãos/cidadãs? Partindo dessas idéias acreditamos que a existência do ser humano constitui-se em uma arte de fazer história. E a escola tem em mãos o poder de transformar essas temáticas em questões práticas e principalmente reflexivas. Proporcionar aos jovens conceitos que permitam problematizar seu próprio comportamento, avaliar a qualidade de suas ações, cultivar a expectativa de fazer sua trajetória no mundo.

Pensar numa escola autônoma e lutar por ela é dar um sentido novo à função social da escola e do educador que não se considera um mero cão de guarda de um sistema iníquo e imutável, mas se sente responsável também por um futuro possível com equidade. (GADOTTI 1994, p. 48)

A vida pública tem por objetivo proporcionar ao/a aluno/a o entendimento pleno de sua condição de cidadão/cidadã, assim as temáticas se tornam claramente políticas. O bom exercício da cidadania é a dimensão política da virtude humana, os valores das pessoas imersas na vida social. Estes temas já começaram a ser explorados nas escolas brasileiras mais avançadas. Essa exploração tem sido marcada, entretanto, por um significativo viés que precisa ser discutido. A consciência de cidadania tem duas dimensões: A primeira, dessas dimensões é a consciência dos direitos, a outra é a consciência dos deveres do cidadão. Os direitos constituem aquilo que acreditamos ser justo, razoável ou simplesmente tendo base legal (a lei) a sociedade e as pessoas tem o dever de conhecer, vivenciar e esperar o cumprimento de todas as leis para o bem estar social.

Os direitos são aquilo que apresentamos a sociedade como reivindicação, algo que dela queremos. Os deveres, são aquilo que se acredita ser justo, razoável ou simplesmente com base legal e que nós, individual ou coletivamente temos de oferecer, de proporcionar aos/as outros/as, aqueles que conosco vivem em sociedade, **“O dever do cidadão é um direito da sociedade”** (CAPORALI, 1999, p.149). Ao longo da elaboração da filosofia política moderna, aquela que estruturou uma concepção republicana e democrática, a noção de cidadania foi sempre vista como a coexistência teórica e prática, potencial e afetiva, das noções relativas aos deveres e aos direitos de um indivíduo contraposto aos direitos e deveres de alguém ou de uma coletividade, freqüentemente mediados pelos direitos e deveres da Instituição-Estado, que representa coletividade.

Uma sociedade que consegue despertar nos/as seus/suas cidadãos/cidadãs a extensão e a seriedade da necessidade de cumprir seus deveres, e que lhes admita a consciência plena do que são os seus direitos, poderá conviver com a plenitude da liberdade individual. Os sentimentos menos nobres dos/as cidadãos/cidadãs, como egoísmo, a ganância, a desonestidade ou a maldade pura e simples, serão controlados por uma rede de vigilância mútua em que deveres e direitos se equilibram ou se reforçam mutuamente.

A escola tem o dever de transmitir essa filosofia a toda e qualquer criança.

2.2- A escola e a comunidade

Se voltarmos um pouco na História da Educação, veremos que a Escola Tradicional da época não tinha laços de diálogo com os pais e mães dos/as alunos/as. As decisões eram tomadas de forma centralizada, apenas nas mãos dos responsáveis da escola. Assim a comunidade em si ficava excluída da vida cotidiana escolar. A escola era então a única responsável por formar o/a cidadão/cidadã.

No entanto, sabe-se que a formação do/a cidadão/cidadã inicia-se no ventre materno, quando a mãe ou o pai já designa ou sonha o que o/a filho/a vai ser quando crescer. Depois, junto com o seu crescimento vêm as tradições, os valores, crenças, costumes, toda cultura seguida pelos pais e que estes irão passar para o/a seu/sua filho/a.

Ao ingressar na vida escolar, é necessário aprender todas as técnicas de leitura e escrita e tudo quanto for preciso para fazer dele cidadão/cidadã e um/a ótimo/a profissional. É assim que muitos vêem a escola: como uma instituição técnica e sistemática.

Excluem-se da escola os que não conseguem aprender, excluem-se do mercado de trabalho os que não tem capacidade técnica porque antes não aprenderam a ler, escrever e contar e excluem-se, finalmente, do exercício da cidadania esses mesmos cidadãos, porque não conhecem os valores morais e políticos que fundam a vida de uma sociedade livre, democrática e participativa. (SILVA 1994, p. 3)

É bem verdade que essa realidade existe, mas a escola tem a responsabilidade de inseri-los/as na vida social de maneira que estes/as não se sintam excluídos/as. Também é papel da escola formar cidadãos/cidadãs que reflitam sobre os acontecimentos que o cercam, pessoas conscientes dos seus direitos e deveres, que sejam atuantes e participativos na vida em conjunto. Entretanto, não é papel só da escola guiá-los/as nesse caminho, é preciso que toda a sociedade: pais, família, instituições religiosas (com tolerância pelo/a outro/a e sem preconceitos), Enfim, toda a comunidade desenvolva essa cultura no que diz respeito aos aspectos cognitivos e afetivos. É preciso que todos/as colaborem mutuamente para essa formação.

Formar o cidadão não é tarefa apenas da escola. No entanto, como local privilegiado de trabalho com o conhecimento a escola tem grande responsabilidade nessa formação: recebe crianças e jovens por um certo número de horas, todos os dias, durante anos de suas vidas, possibilitando-lhes construir saberes indispensáveis para sua inserção social. (SILVA, 1994, p.2)

Portanto, cabe a escola a maior responsabilidade, mas essa tarefa só será completa se houver a participação efetiva da comunidade, pois assim se reforçarão a aprendizagem e os valores aprendidos pelos/as alunos/as dentro e fora da escola.

2.3- O papel do/da docente na aprendizagem do aluno

A aprendizagem é um processo que inicia ao nascer e ocorre durante toda a vida. Há as aprendizagens informais e as formais. As informais são aquelas que chamamos de experiência de vida, geralmente essas são as que mais nos ensinam. Já as formais são aquelas que ocorrem de forma intencional, sistematizada e planejada, geralmente acontecem nas escolas. Mas, se tratando do profissional da área da educação, que é aquele que está diretamente interligado com o/a aluno/aluna através da sua prática em sala de aula, como deve atuar o/a docente?

O mundo hoje vive a era da Revolução Tecnológica. As relações entre as nações se dão em fração de segundos e o homem deve acompanhar esse processo, ou então fica como que perdido no espaço.

Tudo isso implica a ampliação de valores e conhecimentos. O/a professor/a deve estar atento/a a esse processo para fazer mudanças em seu trabalho, ele/a precisa saber o que está fazendo. Aliás, foi o que disse Freire (1996, p. 38), quando se referiu á prática docente como “o fazer e o pensar sobre o fazer”.

Para uma boa didática em sala de aula, o professor precisa rever métodos e conteúdos, de maneira que ofereça condições necessárias para que o aluno desenvolva e compreenda a atividade proposta. Isto implica fazer a diferença, não só nos seus discursos, mas principalmente na sua ação.

O professor é um profissional cuja atividade principal é o ensino. Sua formação inicial visa a propiciar os conhecimentos, as habilidades e as atitudes requeridas para levar adiante o processo de ensino e aprendizagem nas escolas (LIBÂNEO 2001, p. 63).

Portanto, enquanto profissional incubido/a de tamanha responsabilidade, o/a professor/a deve ser um dos principais agentes provocadores de mudanças na área da educação e na sociedade.

Neste sentido, Rios (2001, p. 24), afirma que “O mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa de seres humanos. É tarefa, por excelência, de educadores”.

Portanto, cabe ao professor saciar a sede de suas crianças, dando-lhes oportunidade de alargar o seu conhecimento e, conseqüentemente, o seu mundo.

E este, mais uma vez, é um dos agentes de maior responsabilidade na formação dos seus alunos, pois é ele quem, intencionalmente, constrói conhecimentos e valores com os mesmos. A sua prática em sala de aula é decisiva para concretizar suas ações, pois tem que haver o máximo de coerência possível entre o que ele fala e o que faz.

É no cotidiano, nas relações que se estabelecem entre os grupos, categorias, classes, raças que nascem as representações. E é para o cotidiano que as representações, por meio das interações, regressam e se manifestam, aí introduzindo necessidades que fazem nascer novas representações, novamente programando o cotidiano. é no “fazer” de todos os dias que surgem, se modificam ou desaparecem idéias, atos e relações. Aí, personalidades, idéias e sentimentos manifestam-se. (ASSUNÇÃO 1996, p. 28).

Percebe-se quão árdua é a luta do educador comprometido e responsável com a sua profissão, não é nada fácil planejar, lidar com pessoas de diferentes personalidades e, na hora do aperto, saber contornar a situação. Rodrigues (1996), acredita que esse conhecimento é um ato político por excelência.

É o/a professor/a que tem em mãos a possibilidade de despertar a consciência da criança, tornando esta uma agente transformadora da sua realidade. E um dos instrumentos, e porque não dizer o mais importante, que fará desse sujeito um ser crítico é a leitura. É através da leitura que ele/a tem acesso a diferentes culturas, ingressando no mundo de diferentes povos, analisando diferentes realidades.

O/a professor/a é apontado pela maioria da sociedade como o principal responsável pelo fracasso escolar. Embora os programas governamentais tentem resolver os problemas da educação com todo um aparato de recursos tecnológicos, é preciso entender de que nada adianta se não houver aperfeiçoamento de recursos humanos, pois nada substitui o humano. Sabemos que muitos são os problemas enfrentados por esses profissionais, no entanto, estes responsáveis com o seu trabalho estão sempre buscando um equilíbrio entre o desânimo e a esperança. E essa luta não é daqueles que desistem no meio do caminho (embora tenham motivos suficientes para isso), mas daqueles que decidem lutar e acreditar na mudança

No entanto, como o mundo capitalista induz a todos a agirem de maneira rápida e de prontidão, muitos professores tendem a apenas reproduzirem conhecimento. Mas sabe-se que não basta só isso, é preciso construir conhecimento. Isso só será possível a partir de um/a professor/a pesquisador/a, que não seja acomodado, não basta só o conhecimento adquirido

no curso de formação inicial, é preciso atualizar-se com as novas tendências teóricas, revendo a cada dia a sua prática docente.

É claro que para ser um/a professor/a pesquisador/a é necessário ler e ler muito. O hábito de leitura tem que ser constante na vida desse professor e quando isso acontece, conseqüentemente, os seus alunos também serão bons leitores, já que vêem nos seus mestres um espelho.

Lembrando, mais uma vez, que a escola não pode fazer tudo sozinha, ela precisa do apoio dos pais, comunidade e principalmente do governo no que diz respeito aos programas educacionais e aos recursos materiais, para favorecer as classes subalternas e excluídas.

No século XXI, diante dos paradigmas patriarcais que estão sendo cada vez mais rompidos pelas circunstâncias, não cabe mais ensinar aos alunos apenas um modelo e padrão de vida do homem branco. É preciso mostrar-lhes outros povos, outras culturas, outras lutas, para que estes também sejam enaltecidos.

Os cursos de formação continuada são construídos a partir de indagações, que, além de gerar respostas, geram também um trabalho árduo. São perguntas do nível: “como se constrói o leitor/autor e o escritor/autor? As respostas a perguntas como estas, são socializadas nos cursos de alfabetização. Para isso se trabalha de maneira interdisciplinar e não com o conhecimento fragmentado em disciplinas. A avaliação se dá em um verdadeiro processo coletivo e individual levando em consideração uma série de fatores.

3- FORMAÇÃO CONTINUADA

3.1 - A identidade do/da docente

Uma formação que contemple o/a professor/a na sua totalidade foi e continua sendo uma das inquietações de estudiosos e educadores, pois se a educação hoje pode ser vista como uma tarefa humanizadora, nada melhor do que começar a humanizar aqueles que são responsáveis diretos por ela, os professores. Cabem aos programas de formação de professores, tratarem esta como um processo de desenvolvimento pessoal, além de profissional, cuja trajetória e cujo percurso dêem lugar a uma determinada identidade profissional, resgatando com isso a identidade e a autonomia, fazendo-os sentirem-se construtores de sua própria história e formação, pois “os professores transmitem um currículo. Eles próprios são fruto do currículo de *vitae cursu* (curso da vida), ou seja, do conjunto de vivências, aprendizagens, etc., que foram configurando aquilo que são” (BOLÍVAR, 2007, p. 14.).

Com isto vale atentar para os seguintes questionamentos. Quem são os/as educadores/as? Como se auto-identificam? Quais os fatores que condicionam suas identidades? No nosso entender são sujeitos de cultura, que carregam consigo marcas pessoais e sociais positivas e negativas, memórias e valores. Possuem identidades resultantes de trajetórias pessoais, profissionais e sociais. São simultaneamente, sujeitos e objetos de múltiplas dimensões (afetivas, éticas e cognitivas). Constroem sua identidade e ajudam outros a construir. Precisam se conhecer para conhecerem os/as seus/as alunos/as.

Para compreender quem são esses/as profissionais se faz necessário analisar como ocorre a formação, os quais estão submetidos/as e como esta contribui na constituição de suas identidades. Historicamente, a sua formação escolar e não escolar, define as crenças, os valores, as concepções, os gostos, muitos dos traços da personalidade que apresentarão sobre a profissão e sobre a sociedade, sobre o mundo no qual vivem e convivem como sujeitos de um lugar e de um tempo histórico determinado.

Sendo assim, faz-se necessário refletir o/a educador/a em sua totalidade, articulando dialeticamente os aspectos externos e internos, objetivos e subjetivos, considerando a relação do sujeito com a sociedade à qual pertence, mas também suas características e qualidades

particulares, suas semelhanças e diferenças com relação a outros indivíduos. Para isto, é necessário encontrar métodos de estudar o homem como unidade de corpo e mente como ser biológico e social membro da espécie humana e participante do processo histórico. É necessário identificá-los como sujeitos situados, datados, concretos, marcados por uma cultura, criadores de idéias e consciências que, ao produzirem e reproduzirem a realidade social são ao mesmo tempo produzidos e reproduzidos por ela.

Nesse sentido, a identidade dos/as profissionais da educação precisa ser entendida a partir da consideração do contexto da globalização, do neoliberalismo e do movimento a que se convencionou denominar de pós-modernidade. São estes contextos que, via de regra, determinam as políticas públicas de formação docente e apenas a partir deles será possível compreender devidamente suas identidades.

Os contextos aos quais nos referimos são ricos em possibilidades, em mudanças bruscas, em grandes feitos e impressionantes inventos, descobertas e eventos, de mudanças de paradigmas, de enormes contradições, de desigualdades econômicas e sociais e, acima de tudo, de grandes indefinições quanto à formação humana, aos processos identitários, à cidadania e às subjetividades.

Na atualidade e no caso brasileiro, os/as profissionais da educação se deparam com novas e urgentes demandas e desafios das mais diversas ordens e matizes. Sua formação e valorização, pelo menos nos discursos políticos e na mídia, passaram a ocupar lugar central na agenda das políticas públicas, tornando-se fatores preponderantes para o desenvolvimento do país, haja vista que nenhum país se desenvolve sem mudar radicalmente o perfil da educação. Entretanto, como vivemos um tempo de grandes paradoxos, suas benesses são relativas, restritas a determinados grupos e classes sociais, os valores se invertem e associam-se à degradação humana, afetando a todos, em especial aos mais jovens.

No caso específico da formação docente, acreditamos que as políticas têm produzido/fabricado identidades tomando como base padrões de qualidade técnico-instrumentais em detrimento de valores e princípios humanos. A referida formação tem submetido os/as educadores/as a um lamentável processo de desumanização, ignorando os conceitos de solidariedade e humanidade, bem como o sentimento de pertencimento ao grupo. Isto torna o sujeito débil, de forma a favorecer um modelo que privilegia a formação vinculada à face aparente do sistema capitalista que é o mercado, fortalecendo as divisões e antagonismos que dificultam a construção da identidade e aceleram a falência do sujeito.

3.2- Políticas públicas para a formação docente

Na atualidade a formação de professores/as é um tema que tem interessado aos educadores e a sociedade em geral, como também se faz presente nas discussões, debates e projetos governamentais que buscam meios para a melhoria da qualidade de ensino.

Estas melhorias estão condicionadas à fatores, tais como: econômicos, políticos, históricos, culturais e de gestão, que quando pensados e/ou refletidos levantam questionamentos que inquietam e afligem àqueles/as que tentam modificar uma realidade que é posta a sua frente, sem contornos ou maquiagens. Como buscar melhorias em uma profissão que é vista como complementação de renda, realização de um sonho infantil, profissão de segunda classe para aqueles que não conseguiram ingressar em outra profissão?

Caracterizada majoritariamente como profissão feminina, a profissão docente tem sido degradada em função das estruturas políticas e econômicas que se estabelecem em cada época histórica e que tem instaurado um descrédito, tanto por parte dos que fazem a escola como dos que a usufruem. Não bastasse, esses profissionais ansiosos por melhorias, os mesmos esbarram em “modelos” de gestão que oprimem, impõem e impedem qualquer tipo de mudança, seja no âmbito pedagógico ou mesmo de gestão.

Conforme a política oficial expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN),

A melhoria pode ser alcançada se orientada e garantida a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual. Desta forma estas ações funcionariam como um *catalisador* nesta busca pela qualidade de ensino (BRASIL, 2001, p 13).

Os investimentos a que se referem os PCN precisam ser realizados para garantir melhorias nos salários, formação inicial e continuada condizente com a realidade, definição de currículos flexíveis que levem em conta o/a aluno/a como um todo. Estes são anseios não só da classe de professores, mas também da sociedade, que busca na educação, não apenas a sistematização de seus conhecimentos, mas uma cultura que lhes possibilite usufruir de bens produzidos socialmente sejam eles materiais, simbólicos e/ou culturais. Esta seria uma condição básica à cidadania, que é uma qualificação do exercício da própria condição humana.

Ainda no que diz respeito à melhoria da qualidade de ensino definida na política oficial, uma das condições está associada à formação dos/as professores/as tanto em nível inicial como continuado, sendo esta ratificada no Plano Nacional de Educação (PNE). Em seu diagnóstico, o PNE ressalta que essa “melhoria somente poderá ser alcançada se for promovida, ao mesmo tempo a valorização do magistério, impondo ainda que sem esta ficam baldados quaisquer esforços para alcançar as metas estabelecidas em cada um dos níveis e modalidades de ensino”(BRASIL, 2001, p.95).

A valorização do magistério a que se refere o PNE

Consiste em investimentos em diferentes frentes que além da formação inicial e continuada de professores, apresente uma política de salários dignos, um plano de carreira, a qualidade do livro didático, de recursos televisivos e de multimídia, a disponibilidade de materiais didáticos, dentre outros (BRASIL, 2001.p.13 e 14. grifo nosso).

É possível questionar neste momento, o termo usado no PNE, *valorização do magistério*, pois ele dá ênfase somente ao que diz respeito às melhorias materiais, esquecendo-se de que quem está à frente para receber estas melhorias é o/a professor/a e que ele/a é antes de qualquer coisa uma pessoa. Não bastam investimentos voltados aos recursos materiais, faz-se necessário ter uma visão “completa” deste profissional, visão esta que o contemple na sua totalidade, levando em conta sua subjetividade nos momentos de formação; dado o pressuposto que a formação tem por objetivo o desenvolvimento do/as professor/as.

Visto por esta vertente, não se devem reduzir as formações, seja ela inicial ou continuada, a uma função meramente de formar indivíduos como mão-de-obra qualificada para as exigências do mercado de trabalho dada à ressalva que “a apropriação e o domínio de conhecimentos e de habilidades técnico-científicas são exigências indiscutíveis, é igualmente verdade que essa formação não pode reduzir-se a tanto” (SEVERINO, 2001, p. 186).

Hoje em dia, mesmo com todos os debates e com a quebra de paradigmas acerca do tema formação inicial ou continuada, ainda é possível verificar que as estratégias de formação que têm sido utilizadas com mais frequência em nosso país, têm estado voltadas, preferencialmente, para a formação profissional de maneira parcial.

Esta parcialidade pode ter sido agravada pelo sistema capitalista, que dá grande ênfase ao consumo, às mercadorias e às máquinas, a técnica pela técnica em detrimento do humano, acarretando com isso, não só para escolas, mas também para o ensino, uma busca de resultados voltados à quantidade e não à qualidade. Isso faz com que o ensino vire uma espécie de comércio ou “bolsa de valores”, no qual se investe em um produto (aluno-cliente)

em busca de um retorno a curto ou longo prazo, retorno este que deverá vir tanto financeiramente como em forma de resultados quantitativos, atribuindo ao professor/a função de mero repassador de conteúdos.

As perspectivas dominantes, ao se concentrarem em critérios de eficiência e racionalidade burocrática, deixam de levar em consideração o caráter histórico, ético e político das ações humanas e sociais e, particularmente, no caso do currículo, do conhecimento (Giroux *apud* Silva 2007, p. 51).

Um caráter mecanicista e determinista de currículo, não deixa nenhum espaço para a mediação e a ação humana. Nesse modelo autocrata o que ocorre na escola e no currículo vem determinado de antemão pelo que rege a economia e a produção, resultando no amputamento do caráter social e histórico do conhecimento. Assim sendo, as teorias tradicionais sobre currículo, assim como o próprio currículo, contribuem para a reprodução das desigualdades e das injustiças sociais (GIROUX *apud* SILVA, 2007, p.52).

A busca incessante em saber quem são verdadeiramente os profissionais que ensinam, atuam, e quem sabe até encenam em sala de aula, mediados ou amedrontados pelas concepções recebidas nas formações continuadas, ocorreu-nos a necessidade de saber até que ponto essas formações contribuem no dia-a-dia destes profissionais de forma contundente, ou se são puramente “pacotes” trazidos para serem entregues a destinatários sem destino, ou melhor, com destino determinado pelos remetentes. Estes, sem conhecerem as razões, anseios, qualidades destes profissionais enviam-lhes propostas, programas e/ou concepções que

Na maioria das vezes são trabalhados de forma dolorosa, porém ascética, transformando esquemas de pensamento e de ação devidamente instaurados, derrubando representações ingênuas, mas confortáveis, questionando saberes considerados estáveis do âmbito da educabilidade (PERRENOUD, 2002. p.160).

Apesar do panorama de desqualificação da profissão docente, há algum tempo, tanto os/as professores/as quanto outros setores da sociedade vêm colocando em discussão questões relacionadas ao fazer pedagógico como, o que e para que ensinar? Quem aprende? Essas questões colocam em jogo a concepção de educação, de escola, a relação entre o conhecimento escolar e a prática social, e, portanto, o trabalho profissional do professor.

As experiências de atualização profissional confrontam-se com os saberes que eles possuem e com as informações que vão sendo adquiridas, afetando o processo de constituição identitária e profissional. Esses saberes precisam ser considerados, haja vista que apesar de os

sujeitos expressarem sentimentos de ansiedade, angústia e inquietação, mostram-se comprometidos com o seu papel social, inseridos em um processo histórico.

Cada professor pode fazer do seu exercício docente uma simples adaptação às condições e requisitos impostos pelos contextos preestabelecidos, mas pode também assumir uma perspectiva crítica, estimulando seu pensamento e sua capacidade de adotar estratégias para intervir nos contextos, delineando-se assim uma prática com características individuais, dando início à conquista de uma maior autonomia de seu fazer pedagógico. O fato de “nos assumirmos como somos sempre é determinado e corroído pela história de nosso relacionamento com os outros desde a primeira infância” (CIFALI *apud* PERRENOUD, 2002, p.60).

Essa conquista da autonomia do fazer docente vem acompanhada do risco e do medo, medo este que poderia ser atenuado com uma preparação profissional mais adequada, uma vez que o conhecimento mais aprofundado possibilitaria melhor dimensionar os riscos.

Esse momento pode ser considerado um marco importante para a conquista da identidade e autonomia docente. É o momento de aprender, assumir a responsabilidade dessa conquista. Seguir as orientações de superiores sem questionar, tornando-se executores de atividades de forma mecânica, tem sido uma constante no momento, mas pautar-se num caminho traçado por si dá uma sensação de segurança e identidade própria.

Se for importante, que se valorizem os conhecimentos prévios que as crianças trazem, entende-se que para os/as professores/as essa regra também deve ser utilizada. Podendo colaborar de forma significativa para a conquista da identidade e autonomia profissional. Sentindo-se valorizado e desafiado nesse processo de aprendizagem, entendendo que a conquista não é estática nem definitiva, será diária, e que o seu fazer, o estudo e reflexão são subsídios fundamentais para construção de sua identidade.

Embora seja necessário estudos mais aprofundados e constantes para identificar a influência da formação na constituição identitária dos professores, constata-se a necessidade de reelaboração destas de modo a contemplar uma intervenção mais humana, que considere o “ser professor” em sua integralidade e plenitude.

3.3- Teoria *versus* prática na formação docente

Nos dias atuais percebemos uma grande empolgação dos professores no tocante a aprofundar seus conhecimentos através de pesquisas na área, constatamos que todo o esforço

dos docentes trouxe um bom resultado para os alunos, pois o professor hoje, além de ser um inovador dos seus conhecimentos faz todo seu trabalho com muito carinho, dedicação, respeito e direciona-se totalmente aos discentes.

Faz-se necessário para uma melhor atuação do professor que ele tenha uma Formação Continuada com o intuito de proporcionar êxitos aos seus alunos, pois se os professores inovam seus conhecimentos certamente os discentes ganharão muito porque os mesmos dependem exclusivamente do bom desempenho dos professores em sala de aula.

As evoluções recentes da investigação em ciências da educação e, sobretudo, as correntes que procuram estimular uma atitude investigativa no seio dos professores têm vindo a consolidar as bases teóricas e conceituais do movimento acima descrito. Assim sendo é natural que os esforços inovadores na área da formação de professores contemplem práticas de formação – ação de formação – investigação.

Os professores encontram-se numa encruzilhada: os tempos são para refazer identidades. A adesão das margens de ambigüidade que afetam hoje a profissão docente. É contribuir para que os professores voltem a sentir-se bem na sua pele.

Mediante todas estas afirmações confirmamos a necessidade urgente de uma tomada de providência por parte do poder público em proporcionar aos docentes uma Formação Continuada, assim sendo influenciará de forma significativa na aprendizagem dos alunos e com certeza será relevante a contribuição que os docentes poderá dar aos discentes, proporcionando aos mesmos um sucesso profissional.

Contrariamente a outras organizações, as escolas dedicam muito pouca atenção ao trabalho de pensar o trabalho, isto é, às tarefas de concepção, análise, inovação, controle e adaptação. A explicação desse fato reside em primeira linha na lógica burocrática do sistema de ensino, mas tem como consequência uma organização individual do trabalho docente e uma redução do potencial dos professores e das escolas.

Por outro lado, é útil questionar as regras de acesso às escolas de formação de professores e de recrutamento dos docentes, que são duplamente inadequadas: favorecem a entrada de indivíduos que jamais pensaram nesta profissão e excluem as organizações escolares e o corpo docente desse processo, dificultando um trabalho coletivo e participado.

Com o investimento nos docentes podemos reafirmar que o bom desempenho dos professores é garantido dando subsídio aos alunos para melhor desenvolver suas potencialidades e serem bem sucedidos nos estudos.

“A escola deve promover o saber como instrumento por um lado, centrando-se numa dezena de conceitos de base interdisciplinares, que constituem outros tantos ângulos de

abordagem da realidade dos dias de hoje, por outro lado aprendendo a organizar a massa de conhecimentos atuais” (André Giordan, 1991. p. 10).

É viável para uma educação de qualidade que os docentes sejam compreendidos do ponto de vista de serem bem assistidos pelos órgãos competentes em educação e que o Sistema Educacional Brasileiro comprometa-se mais em Formações, Capacitações e Seminários levando os docentes a enriquecer seus conhecimentos e aplicar técnicas que facilite a aprendizagem do alunado.

A produção de uma cultura profissional dos/das professores/as é um trabalho longo, realizado no interior e no exterior da profissão, que obriga a intensas interações e partilhas. O novo profissionalismo docente tem de basear-se em regras éticas, nomeadamente no que diz respeito à relação com os restantes atores educativos, e na prestação de serviços de qualidade.

Há uma inquietação quanto a questão dos docentes lecionarem sem possuírem uma Formação Continuada, devido os/as professores/as sentirem-se incapazes de desempenhar bem a função de mestre, esta afirmação baseia-se no princípio que só devemos fazer algo que somos preparados e que sentimos seguros.

O sistema educativo é um componente da administração, cuja missão é executar leis e promover políticas. Formalmente a responsabilidade de pensar o futuro pertence ao parlamento e ao governo, que devem apresentar projetos, leis e decisões a aplicar nas escolas na realidade, o aparelho de Estado está muito ocupado, entre duas eleições, a gerir as diversas crises nacionais e internacionais. Os políticos visionários são cada vez mais raros e a maior parte limita-se a gerir a questão em curto prazo.

Os partidos políticos deixaram de ser lugares de doutrina e transformaram-se em “máquinas eleitorais”, orientadas para a participação no poder e nas instituições mesmos os partidos de esquerda, tradicionalmente portadores do sonho de uma sociedade nova, desinteressam-se consideravelmente pela educação e cultura.

Estamos em condições de sugerir uma definição de ação sensata proposta pelo filósofo Paul Ricoeur (1986, p. 238):

A ação sensata é a que um agente pode contar, de tal maneira que o que recebe esta descrição a aceite como inteligível. Assim, segundo outros critérios, a ação pode ser “irracional” (...) mas ela permanece “sensata” na medida em que encontra as condições de aceitabilidade estabelecidas numa certa comunidade de linguagem ou de valor.

Os docentes são responsáveis por um futuro promissor do alunado, partindo dessa afirmação consideramos que as novas concepções de didáticas estão emergindo da

investigação sobre o ensino enquanto prática social viva; nos contextos sociais e institucionais nos quais ocorrem. Ou seja, a partir das sistematizações e explicações da prática pedagógica. Esse movimento tem sido possibilitado, também, pelo desenvolvimento das investigações qualitativas em educação.

A questão fundamental para nós é a necessidade de construir teorias fertilizadoras da práxis dos professores no sentido da transformação das persistentes condições de ensino e aprendizagem seletiva e excludentes; da gestação de prática pedagógica capazes de criar nos âmbitos escolares as condições de emancipação e desenvolvimento social, cultural e humano dos alunos pertencentes aos seguimentos desfavorecidos da sociedade e que, por isso, sofrem o processo de marginalização nas nossas escolas.

Para onde vai a pedagogia? Qual sua importância para a formação e a prática dos professores? Como a prática tem sido considerada nas investigações das ciências da educação? Pesquisa-se sobre a educação ou a educação enquanto prática? E a pedagogia, qual sua especificidade?

Admitindo que nenhuma ciência se constitua sem que se saiba qual é o seu campo, indaga-se qual é o campo da pedagogia, o real pedagógico. O conhecimento do real constitui uma primeira etapa do método científico e uma forma de conhecê-lo é observá-lo, para segui-la descrevê-lo.

Considera-se que a formação não se limita, enquanto conceito, a um campo especificamente profissional, mas que se refere as múltiplas dimensões; formação docente, formação de pais, formação sexual.

O conceito formação é geralmente associado a alguma atividade, sempre que se trata de formação para algo. Assim a formação pode ser entendida como a função social de transmissão de saberes, de saber-fazer crer, do saber-ser que se exerce em benefício do sistema sócio econômico, ou da cultura dominante.

A formação de professores entendidos como disciplina, possui uma estrutura conceptual que, ainda que interdependente da teoria do ensino do currículo da escola apresenta características específicas que a distinguem de outras disciplinas do arco didático. Mas ainda, os modelos, teorias e conceptualizações que se têm elaborado em relação à escola ao currículo, à inovação ou ao ensino têm de ser ajustado, adaptados, transformados quando são analisados a partir da perspectiva da formação de professores.

O que está em questão aqui é a “relação hipotética entre capacidade de aprender e supostas fases do desenvolvimento psicológico” (Azanha, 2000, p. 6). Para o autor a questão da qualidade do ensino não pode ser resolvida metodologicamente por meios de

procedimentos de ensino supostamente eficazes que seria apoiado em teorias psicológicas do desenvolvimento e da aprendizagem. Primeiro, que estas teorias podem carecer de bases teóricas sólidas; e em segundo lugar por que mesmo que tenha sustentação teórica e credibilidade científica, as derivações práticas das teorias são sempre problemáticas; terceiro, por que vale perguntar se uma determinada atuação pedagógica deve ser posta em prática apenas por que teria algum respaldo científico.

Todavia, o principal argumento contra o pressuposto de que o ensino eficiente se apóia em teorias psicológicas do desenvolvimento e da aprendizagem é o fato de que ele contém outro pressuposto que pode levar a escola pública fundamental a um beco sem saída: o do ensino fundado numa relação individual professor-aluno, numa relação a dois abstraídos do contexto institucional. Talvez adequada para pensar a educação preceptora do passado que nunca foi, na verdade, uma relação escolar – na escola contemporânea, seja ela pública ou privada, o professor individual que ensina e o aluno individual que aprende são ficções.

No entanto ele sublinha, até hoje a concepção de professor... é tributária dos ideais educativos associados à figura e ao papel do preceptor, por isso, talvez, é que continuamos a insistir numa formação docente preceptora na qual, além do domínio da disciplina a ensinar, prevalece uma visão psicológica do educando. Mesmos os elementos didáticos que se associam a esta formação são condicionados por essa visão. (Azanha, 1998, p. 18).

A educação, portanto, é um espaço social de disputa da hegemonia; é uma prática social construída a partir das relações sociais que sendo estabelecida; é uma “contra ideologia”. Nesta perspectiva, é importante situar a posição de educador na sociedade, contribuindo para manter a opressão ou se colocando em contra posição à ela. Se o educador é um trabalhador em educação, parece coerente que este seja aliado das lutas dos trabalhadores enquanto classe, visto que as suas conquistas sociais, aparentemente mais imediatas, também dependem de vitórias maiores no campo social. Nessa perspectiva, é coerente que a posição do educador seja em favor dos oprimidos não por uma questão de caridade, mas de identidade de classe já que a luta maior é a mesma.

3.4- Formação continuada e o IDEB

De acordo com a lei em nosso país, a formação inicial de professores, deve ser realizada no curso de Pedagogia, na Escola Normal Superior e na modalidade Normal do Ensino Médio.

A formação continuada, por sua vez, se fará em diferentes modalidades (cursos pontuais e jornadas pedagógicas; cursos de formação governamentais, como o Pró-Letramento e o Gestar; programas de formação em serviço; pós graduação entre outros) que traduz a concepção de educação abrangente dos processos formativos “que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da Sociedade Civil e nas manifestações culturais”.

No que tange à educação continuada no Brasil, a modalidade é cada vez mais intensa por força das mudanças provocadas pelas reformas educacionais, amparadas pela LDB. A educação continuada de professores assenta-se na concepção de educação que se realiza ao longo da vida.

Já para Nóvoa (1991, p. 21), a formação continuada deve ser centrada na investigação e na reflexão. Em seus estudos, distinguiu dois “modelos” de formação continuada: os estruturantes, “organizados previamente a partir de uma lógica de racionalidade científica e técnica”, e os construtivistas, “que partem de uma reflexão contextualizada para a montagem dos dispositivos de formação contínua, no quadro de uma regulação permanente das práticas e dos processos de trabalho”.

No tocante à formação do professor da educação básica e, em especial, a realidade das instituições formadoras é uma das conseqüências do descaso das políticas educacionais, que vêm penalizando as instituições públicas de ensino superior e condenam as escolas a apresentarem frágeis Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Nos últimos meses, os baixos índices têm municiado discursos da mídia e de políticos brasileiros que atribuem ao professor a falência da educação básica, como se a qualidade da formação e o exercício da docência fossem responsáveis pelas mazelas da opção pelo Estado mínimo, que procede o contingenciamento de recursos para as políticas sociais.

Desde então, um dos elementos mais importantes das condições de qualidade da educação é a formação dos professores. Com o IDEB ou sem o IDEB, nas instituições de ensino superior uma melhor formação de professores vem sendo problematizada há muito tempo.

Percebe-se que Professores com uma formação continuada que aprendem mais sobre sua prática traz benefícios concretos para seus alunos. Essa tendência foi constatada em todo Brasil, onde a melhoria na formação inicial dos professores teve impacto importante na aprendizagem dos estudantes. As escolas com melhores resultados no IDEB, acima de 6,0, apresentam taxas de professores graduados e com uma formação continuada. Já as com médias acima de 4,2 e abaixo de 5,0, o investimento em formação inicial faz com que boa

parte dos professores já tenha nível superior ou esteja em fase de conclusão da graduação. Portanto, nas escolas com índices inferiores à média nacional (4,2) estão sendo realizados fortes investimentos no quadro de professores em razão das deficiências na formação ainda existentes.

Por fim, oferecer formação inicial adequada é fundamental, mas não basta para melhorar a qualidade da educação. É preciso garantir que os professores continuem se aperfeiçoando, a formação continuada está sendo um dos fatores importante para o avanço dos resultados do IDEB, uma formação continuada de caráter reflexivo, que considera o professor sujeito da ação, valoriza suas experiências pessoais, suas incursões teóricas, seus saberes da prática, possibilitando-lhe que atribua novos significados à sua prática e ainda compreenda e enfrente as dificuldades com as quais se depara no dia-a-dia.

3- METODOLOGIA

4.1- Os procedimentos utilizados

A pesquisa teve dois momentos, a pesquisa bibliográfica acerca da temática estudada, interpretando-as e comparando-as de modo a tirar as dúvidas e inferências e a pesquisa de campo.

No processo de gestação da pesquisa, contribuíram não só as informações e questionamentos dos teóricos da área específica, mas, na verdade, tudo que li, vi, observei, vivenciei, pesquisei, com relação ao tema da pesquisa (SANTOS 2008, p. 44).

A pesquisa teve início com uma revisão bibliográfica na intenção de fazer um levantamento histórico e teórico que nos facilitasse a análise e compreensão do tema abordado. A metodologia da pesquisa é de caráter qualitativo e está voltada para a análise das relações estabelecidas entre a experiência teórica da formação docente em confronto com a materialização de atitudes práticas de equidade e/ou estereotipadas. Por isso, buscou-se neste trabalho uma investigação considerando as relações teóricas das práticas inclusivas no cotidiano escolar no que diz respeito, às políticas de formação docente.

Na maior parte dos estudos qualitativos, o processo de coleta de dados se assemelha a um funil. A fase inicial é mais aberta, para que o pesquisador possa adquirir uma visão mais ampla da situação, dos sujeitos, do contexto e das principais questões de estudo. Na fase imediatamente subsequente, no entanto, passa a haver um esforço de focalização progressiva do estudo, isto é, uma tentativa de delimitação da problemática focalizada, tornando a coleta de dados mais concentrada e mais produtiva (Stake *apud* Lüdke e André 1986, p.46).

Foram aplicadas algumas entrevistas onde a população foi representada por 5 professoras da referida escola, acerca da compreensão do que seria a formação continuada. Assim, a abordagem metodológica, estabelecendo uma relação entre formação docente e contexto social escolar, segue uma proposta com um paradigma de cunho científico e teórico.

5- RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

5.1- A escola campo da prática

O campo da nossa prática foi a Escola Municipal Dr. Chateaubriand, a qual teve a sua construção iniciada em 1951, na administração do prefeito Elpídio de Almeida, concluída em 1952, pelo prefeito Plínio Lemos. A mesma está situada na Rua Joana D'arc Ferreira de Arruda, 925, no bairro de José Pinheiro, na Zona Leste da cidade de Campina Grande.

A estrutura física da escola dispõem-se de 8 salas de aula, 1 laboratório de informática, 1 sala de leitura, 1 secretaria, 1 sala de direção, 1 sala de professores, 1 cantina, dois blocos de banheiro masculino e feminino para os alunos, 1 banheiro para professores, funcionários e visitantes, 1 almoxarifado, 1 refeitório, 1 sala de projetos, 1 quadra de areia, ampla área de recreação, além do teatro Raul Prhistan.

A escola atende atualmente um total de 585 alunos, com faixa etária entre 4 a 70 anos de idade, com evasão de 5 % e repetência de 20 % dos mesmos. São distribuídos na Educação Infantil em 3 turmas de pré-escolar, e no Ensino Fundamental em três turmas de I Ciclo Inicial (antiga alfabetização), 3 turmas de Ciclo Intermediário (antiga 1º série), 3 turmas I Ciclo Final (antiga 2º Série), turmas do II Ciclo Inicial (antiga 3º série) e 2 turmas do II Ciclo Final (antiga 4º série), nos turnos da manhã e tarde, já o turno da noite oferece turmas de Educação de Jovens e Adultos--EJA.

O quadro de pessoas são formados por 20 Professores em sala de aula, 2 Professores de laboratório de informática, 1 professora de Educação Física, 1 Gestora, 1 Gestora Adjunta, 1 Supervisora, 1 Orientadora, 1 Assistente Social, 1 Psicóloga, 2 Secretárias, 3 Merendeiras, 3 Vigias, 6 Auxiliares de Serviços Gerais, 1 Coordenadora, 1 Auxiliar de Serviços gerais do Teatro que compõem o quadro efetivo de funcionários da Prefeitura Municipal de Campina Grande admitido por concurso público, e outros são prestadores de serviço.

O Corpo Discente da escola é constituído por alunos/as regularmente matriculados, conforme normas estabelecidas pela Secretaria Municipal de Educação. O Corpo Docente é formado por professores de Nível Superior com Cursos de Licenciatura em Pedagogia.

O Teatro Raul Prhistan é coordenado por Maria de Fátima Ribeiro Bonfim, que também coordena um grupo de dança formado por alunos da escola, além de coordenar atividades culturais envolvendo a comunidade escolar como um todo.

A escola está na perspectiva da educação de qualidade, que significa focar o aluno e a aprendizagem, desenvolvendo então uma Pedagogia Ativa e uma prática pedagógica diversificada, construindo uma escola diferenciada, ou seja, em um processo de transformação.

5.2- Resultado da pesquisa

Foram aplicadas algumas entrevistas com alguns professores da escola, sobre o que entendiam sobre formação continuada. Foi constatado que todos os professores pesquisados possuem Ensino Superior na modalidade Graduação. Todos responderam que estão fazendo algum curso de Formação Continuada. Ao serem indagados se são oferecidos cursos de Formação Continuada aos professores da escola, todos responderam que sim e a maioria respondeu que quem oferece esse curso é a Secretaria de Educação.

Perguntamos se os cursos oferecidos satisfazem as necessidades levantadas pelos professores e os ajudam a lidar com questões atuais, a grande maioria disse que sim. Os assuntos e temas que são tratados nesses cursos são: temas relativos às disciplinas ministradas nas séries iniciais e práticas pedagógicas em geral; mudanças de paradigmas, descobertas, discussões teóricas atuais, novas tecnologias, além da troca de informações e experiências; diversos gêneros textuais como: bilhete, carta, receita etc, para que o indivíduo passe a desenvolver desde cedo, a habilidade da escrita; aprendizagem, indisciplina, falta de compromisso dos familiares, violência entre outros assuntos.

A questionarmos sobre o que eles entendiam sobre formação continuada, obtivemos as seguintes respostas: continuar aprendendo para melhorar a prática em sala de aula; formação Continuada nada mais é que um momento para produção de novos conhecimentos troca de experiências e informações e de analisar a prática e papel do professor; o professor precisa está aperfeiçoando-se, para lidar com as mudanças e está aberto para o novo, adquirir novas técnicas para utilizá-los em sala de aulas; a palavra já diz continuada, em que o professor termina a graduação e que é necessária para melhorar na sua prática pedagógica; a formação continuada é a capacitação que é oferecida a fim de promover uma melhoria na teoria X prática.

Ao perguntarmos sobre a importância da Formação Continuada para os Cursos de Licenciatura, obtivemos como resposta: continuar aprendendo e se atualizando; com o mercado de trabalho cada vez mais exigente e concorrido, a formação Continuada para os cursos de licenciatura se torna um diferencial pois visa além do aperfeiçoamento dos saberes,

as atitudes necessárias para o exercício da profissão de professor; essas formações tem a importância de discutir, oferecer técnicas, sugestões de atividades para que a aprendizagem em sala de aula torne-se de forma lúdica e prazerosa; ampliar os conhecimentos a cada dia e procurar colocar em prática o que aprendeu; a formação continuada é importante porque estamos sempre nos atualizando teoricamente e refletindo a nossa prática.

Para a questão quais os fatores positivos que os cursos de Formação Continuada possibilitam aos professores durante os momentos de cursos e reflexão, responderam: novas aprendizagens, troca de experiência, reflexão de nossa prática; durante os cursos de formação Continuada os professores têm oportunidade de interagir com outros colegas de profissão e de enfrentar os desafios do cotidiano com embasamento, bem como refletir sobre sua identidade profissional; as dinâmicas, sugestões de atividades, troca de experiências com outros profissionais; melhor desempenho na prática docente e mais segurança no fazer do dia a dia; um dos fatores positivos é a promoção contínua da aquisição do conhecimento científico, acadêmica.

E por fim, para a questão da Formação Continuada como uma ajuda na reflexão e numa possível mudança na prática pedagógica dos professores, os mesmos responderam justificando suas respostas como: Sim, pois se não possibilitar, pelo menos, refletir pensando em mudar, melhorar, não seria válido participar; em parte, se a Formação abrir possibilidades para momentos de renovação, recomeço e inovação do profissional será de suma importância, porém, se o professor não estiver disposto a mudar sua postura em alguns momentos e desistir na primeira tentativa de nada valerá o discurso e vivências; sim, o profissional precisa está aberto para as mudanças e buscar informações e técnicas para melhorar a aprendizagem e que os discentes se torne cidadãos crítico e consciente; sim, para alguns profissionais, pois na medida em que novas tecnologias se ampliam a cada dia nós professores, temos que ampliarmos nossos conhecimentos também; ajuda na medida que nós educadores refletimos a nossa prática e se necessária promovamos as mudanças.

Assim como Libâneo (2001), os professores participantes da pesquisa entendem que a formação continuada e a prática reflexiva, são fundamentais para uma mudança e uma conseqüente melhoria da atuação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma necessidade urgente de mudança no que diz respeito à Formação Docente. Há muitos casos de professores que lecionam sem passar por uma Formação Continuada que os proporcionem melhores condições de ensinar bem.

O desenvolvimento das técnicas e dos instrumentos pedagógicos, bem como a necessidade de assegurar a reprodução e dos valores próprios da profissão docente, estão na origem da institucionalização de uma formação específica especializada e longa.

A profissão exerce-se a partir da adesão coletiva (implícita ou explícita) a um conjunto de normas e de valores. No século XX, este “fundo comum” é alimentado pela crença generalizada nas potencialidades da escola e na sua expansão ao conjunto da sociedade. Os protagonistas deste desígnio são os professores que não são investidos de um importante poder simbólico.

É também da competência do Sistema Educacional Brasileiro analisar minuciosamente este caso que afeta os docentes no que diz respeito à boa formação dos mesmos possibilitando-os de serem mais capacitados.

Para os professores o desafio é enorme, eles constituem não somente um dos mais numerosos grupos profissionais, mas também um dos mais qualificados do ponto de vista acadêmico. Grande parte do potencial cultural (e mesmo técnico e científico) das sociedades contemporâneas está concentrada nas escolas. Não podemos continuar a desprezá-los e a menorizar as capacidades de desenvolvimento dos professores. O projeto de uma autonomia profissional existente e responsável pode recriar a profissão-professor e preparar um novo ciclo na história das escolas e dos seus atores.

A formação de professores é provavelmente a área mais sensível das mudanças em curso no setor educativo: aqui não se forma apenas profissionais. Ao longo da sua história a formação de professores tem oscilado entre modelos acadêmicos, centrados nas instituições e em conhecimentos fundamentais e modelos práticos, centrados nas escolas e em métodos “aplicados”.

Diante da experiência vivida constatamos que, apesar dos problemas existentes na área da educação aqui no Brasil, o MEC e as instituições de ensino têm procurado superar as dificuldades.

O/a professor/a é o/a agente principal que intervêm na formação dos seus alunos e que é preciso que essa tarefa seja feita com excelência, a fim de conduzi-lo/a a uma realidade transformadora, crítica e autônoma.

Concluimos que o momento atual reclama que os profissionais sejam competentes, tanto em termo de título como em prática, isso requer, certamente, que o educador esteja atento, aberto e participe a todas e quaisquer oportunidades que o levem a ascender tanto no plano pessoal, profissional, cognitivo e humano de sua atuação. Assim, parece-nos que os docentes, diante da contradição que envolve a vivência da identidade profissional, buscam apoio no pólo do auto-reconhecimento, garantindo referenciais com os quais seja possível se identificar. A ligação do professor à profissão não se pode circunscrever ao espaço físico da escola, ela perdura e manifesta-se no dia-a-dia e em todos os locais.

Portanto, parece possível concluir que uma representação, mais humana do que técnica, radica não só na experiência profissional e na conseqüente reflexão, mas na necessidade sentida na ação prática. Sendo estes aspectos imprescindíveis para o entendimento da verdadeira constituição da identidade docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. **Magistério primário e cotidiano escolar**. Campinas: Autores Associados, 1996. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 53).

AZANHA, J. M. **Comentários sobre a formação dos professores em serviço**. Educação: temas polêmicos_ São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental\ Jan, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BOLIVAR, Antonio. O esforço reflexivo de fazer da vida uma história. **Pátio - Revista Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, ano XI, nº43, Agos/Out, 2007.

CAPORALI, Renato. **Educação & Ética**. - Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**. 3. ed. _ São Paulo: cortez. 1994.

GIORDAN, André. **As origens do saber: das concepções dos aprendentes aos conceitos científicos**._Porto Alegre: Artes Médicas 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

LÜDKE, Menga e ANDRÈ, Marli E.D.A. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NÓVOA, A. **Concepções e práticas de formação contínua de professores.** In: CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES: REALIDADES E PERSPECTIVAS, 1., 1991, Aveiro. *Anais...* Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991. p. 15-38.

PERRENOUD, Philippe. **A Prática Reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 47-70.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, Neidson. **Lições do Príncipe e outras lições.** 17. ED._ SÃO Paulo: Cortez, 1996.

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica: as abordagens do símbolo.** Da interpretação: Ensaio sobre Freud. (trad. de Hilton Japiassu). Rio de Janeiro: Imago, 1986.

SANTOS, Lúcia Pereira dos. **Mulher e Violência: história do corpo negado** _ Campina Grande: EDUEP. 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim. A escola e a construção da cidadania. **Revista Educação e Sociedade**, n.17\Set, 2001.

SILVA, Maria Alice Setúbal Souza (coord.). **A escola e sua função social** – raízes e assas-centro de pesquisa para educação e cultura. São Paulo: CENPEC, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O currículo como política cultural: Henry Giroux. In: _____. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo.** 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. P.51-56.

ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, educação e currículo no Brasil.** Dos Jesuítas aos anos de 1980. São Paulo: Plano, 2004.